

Os passos seguintes

Publicação: [O Mundo em Português Nº58](#)

Data de Publicação: Abril/Maio de 2005

Autor Luis Martinez

Os resultados das eleições iraquianas de 30 de Janeiro de 2005 coincidem com os prognósticos avançados antes do escrutínio. A forte participação, pelo contrário, foi uma surpresa. Na verdade, mais de 8 456.266 de eleitores participaram no escrutínio, o que corresponde a uma taxa de participação de 59%. Graças à vantagem demográfica, a lista da Aliança Unificada Iraquiana (AUI), patrocinada pelo ayatollah Ali Sistani, está, como previsto, em vantagem, com 48,1% dos votos expressos e 140 lugares, num total de 275, na Assembleia Nacional transitória. Quanto à aliança do partidos curdos, obteve 25% dos votos e alcança 75 lugares. Os curdos tornam-se, assim, na segunda força política do país. O outro resultado que era largamente aguardado confirmou-se – a fraqueza dos representantes políticos nomeados pela administração americana.

O presidente Ghazi El Yaour obteve apenas 1,7% dos votos, enquanto o primeiro-ministro, Iyad Allaoui, conseguiu mobilizar 13,8% dos votos, conquistando 40 lugares na Assembleia Nacional. Quanto à abstenção em massa dos eleitores sunitas, traduz-se na quase ausência de deputados na Assembleia. As instruções da guerrilha foram, assim, acatadas e os eleitores árabes sunitas demonstraram que podem formar, caso seja necessário, como os xiitas e os curdos, um «bloco» mais ou menos unido.

As eleições inserem-se num processo mais vasto que visa, após o fim do regime de Saddam Hussein, fazer emergir novas elites, detentoras de legitimidade. É muito claro que a reconstrução do Iraque, tanto política como economicamente, passa pela criação de instituições políticas legítimas, internacionalmente reconhecidas. Nessa perspectiva, as eleições de 30 de Janeiro constituem uma ruptura, pois são a primeira expressão política dos iraquianos após o fim do antigo regime. Para além de retratarem a cena política iraquiana, destacam as forças políticas reais. Mesmo assim, não são mais do que uma etapa. A escolha da equipa presidencial pela Assembleia Nacional era outra das etapas, cumprida depois de 10 semanas de impasse, com a eleição de Jalal Talabani, um líder curdo, como presidente e de Adel Abdul Mahdi, político xiita, e Sheik Ghazi al-Yawar, presidente sunita do governo interino, como vice-presidentes. Seguiu-

se a nomeação do novo primeiro-ministro, Ibrahim Jaafari, um representante xiita, membro do partido Dawa – uma escolha esperada tendo em conta os resultados do escrutínio.

A principal função da Assembleia Nacional transitória será, porém, a redacção, até 15 de Agosto, de uma Constituição permanente, que deverá aprovar antes de 15 de Outubro de 2005. A Assembleia deverá assim inventar o pacto que possibilite que todas as componentes políticas, religiosas e étnicas do Iraque vivam em paz. Como resultado da sua vitória eleitoral, a Aliança Unificada ambiciona fundar os princípios do Estado iraquiano no Islão, ou seja, na Sharia. Mas a verdade é que a inquietação da emergência de um Estado islâmico no Iraque, segundo o modelo de Estado teocrático iraniano é pouco credível, desde que a «revolução» iraquiana se faça sob a tutela do ocupante americano. Por outro lado, a ausência de uma maioria xiita força a AUI a procurar compromissos que impossibilitam, neste momento, a instauração de um Estado islâmico.

Quanto ao governo, terá a pesada tarefa de responder ao problema da ocupação americana. Será confrontado, antes de 15 de Dezembro, com a organização de eleições gerais e com a formação de um novo governo, antes de 31 de Dezembro de 2005. Assim, ao longo de 2005, a questão da presença de tropas americanas vai ser um ponto forte do debate eleitoral. Actualmente, a convergência de interesses entre os xiitas e as forças americanas gera compromissos úteis (acesso ao poder pelos xiitas, violência limitada ao bloco sunita por parte das tropas americanas). Resta saber se se manterá, sob a pressão de um eleitorado pouco atreito a uma eternização da presença americana. Por outro lado, a estratégia de violência da guerrilha sunita pode levar progressivamente o eleitorado xiita a exigir a partida das tropas americanas, na perspectiva de abertura de um diálogo directo com os sunitas – que consideram a calendarização da saída das tropas americanas como condição indispensável para a sua participação no processo político. Neste contexto, 2005 será um ano absolutamente crucial, com um grande potencial de mudança.

No plano internacional, as eleições no Iraque abrem novas perspectivas. Confortam a Administração Bush, pois demonstram aos Estados europeus, como a França e a Alemanha, que a sociedade iraquiana aspira à liberdade e como tal deve ser apoiada. Já no mundo árabe, pelo contrário, a instauração de um regime democrático pela força gera profundas inquietudes e as eleições iraquianas são vistas como uma verdadeira ameaça. Por um lado, pelo descrédito dos regimes autoritários; por outro, pelo acesso dos xiitas ao poder. Resta, porém, a principal inquietação: como converter a guerrilha a

uma participação política pacífica? Sem a integração da guerrilha sunita, o Iraque não poderá ter paz e muito menos imaginar a reconstrução.